

Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por L.Martins - 06/06/06 08:06

Esta Ã¡rvore discute o conteÃºdo do artigo: Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

HÃ¡j uns anos, numa reuniÃ£o de pais do 5.º ano, perante a recorrente ausÃªncia dos pais/educadores doa alunos com baixo rendimento escolar e mal comportados e com o objectivo de os trazer Ã Escola, atÃ© para que as reuniÃµes de pais deixassem de ser um desfiar de queixas do Director de Turma sobre os alunos nÃ£o respresentados e pudessemos passar a outros assuntos de interesse geral, entre os quais o aproveitamento geral dos n/ prÃ³prios filhos, muito aquem das nossas (minhas e dos dias de hoje) expectativas, apesar das boas notas, sugeri que tentassemos trazer alunos e famÃ-lia Ã Escola, por exemplo, aos sÃbados, com actividade culturais, lÃºdicas, de confraternizaÃ§Ã£o, para que esses pais se habituassem a ir Ã Escola nÃ£o apenas para ouvir queixarem-se dos filhos e se relacionassem com os outros, criando uma "bolsa de vizinhanÃ§a/vivÃncia comunitÃria". O Conselho Directivo informou-nos de que tal nÃ£o era possÃ-vel por falta de recursos humanos para promover a limpeza, etc.. Que nÃ³s prÃ³prios a farÃ-amos, retorquimos; que nÃ£o era possÃ-vel.

Nessa mesma semana, a minha filha trouxe um convite para os pais assistirem no sÃbado prÃ³ximo Ã tarde, a um evento do interesse da evoluÃ§Ã£o dos alunos, evento esse que oferecia Ã crianÃsa que conseguisse convencer ambos os pais, um jogo electrÃnico; Ã mÃEe, uns brincos e ao pai uma caneta... Ora esse evento tratava apenas da promoÃ§Ã£o de um conjunto de livros de inglÃs... Claro que reclamei, que a minha filha nÃ£o servia de caixa de correio de campanhas publicitÃrias, ainda por cima de baixo nÃ-vel. Na altura, a professora (de portuguÃs)que entregou os convites justificou-se que nem sequer tinha lido o convite, que apenas tinha obedecido a um pedido do Conselho Directivo e ficou muito zangada comigo, que tinha muito anos de ensino e por aÃ- adiante... Pois Ã©, como dinamizar a relaÃ§Ã£o Escola/FamÃ-lia?

Nota: SerÃ¡ possÃ-vel aumentar a letra do corpo do texto, para facilitar a intervenÃ§Ã£o de quem jÃ¡ nÃ£o vÃa muito bem? Obrigada.

Re:Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por luisladeira - 06/06/06 15:06

O meu depoimento tem por base uma suspeita.

Bem, estou consciente de que uma suspeita nÃ£o Ã© matÃ©ria suficiente para tirar conclusÃes seguras. Por isso, as minhas conclusÃes devem ser tomadas como provisÃrias. EntÃ£o qual o interesse disso? Porventura nenhum, porÃ©m em minha defesa declaro que essa minha suspeita tem um contorno experiencial.

Pois bem, sou professor do ensino secundÃrio e tenho mais de trinta anos de serviÃço.

Ã% dessa experiÃncia que tiro a minha suspeita de que o sistema educativo portuguÃs falha sobretudo no terceiro ciclo. Ora, ora, a velha pecha do alijar de responsabilidades! Responsabilizar um ciclo em que nÃ£o lecciono e que directamente antecede aquele em que lecciono(sou professor de Filosofia, disciplina que sÃ³ Ã© leccionada no secundÃrio) Ã© fÃcil e assemelha-se a um sacudir de Ãgua do capote. Mas para afastar a ideia de que essa seja a minha intenÃ§Ã£o, vou fazer um esforÃço de clarificar o meu ponto de vista.

Verifico, com frequÃncia que alguns alunos com quem trabalho, no dÃcimo ano de escolaridade, recÃ©m aprovados no terceiro ciclo, apresentam graves deficiÃncias comportamentais no que concerne a hÃbitos de trabalho. Verifico que ficam Ã espera de que a soluÃ§Ã£o seja dada pelo professor; que, em trabalhos de grupo, se limitam a fazer cÃpias dos textos da bibliografia justapondo-os, sem a noÃ§Ã£o de que isso nÃ£o se conforma a trabalho de grupo nem tÃ£o pouco a trabalho original; e alguns atÃ nÃ£o distinguem o espaÃço de aula do espaÃço de convÃvio. Em suma, um grupo considerÃvel dos alunos que frequentam o dÃcimo ano nÃ£o tem ainda adquiridos, ao fim de nove anos de escolaridade obrigatÃria, correctos hÃbitos de trabalho e de participaÃ§Ã£o na aula.

E nÃ£o me refiro a esporÃdicas atitudes de descompressÃ£o ou atÃ uma que outra atitude impertinente que a idade potencia; trata-se de algo mais estrutural que impede a aquisiÃ§Ã£o de conhecimentos e o amadurecimento, em tempo Ãtil, que permita acompanhar com sucesso a dificuldade dos programas do secundÃrio. Neste particular, e no respeitante Ã Filosofia, por exemplo, as divergentes atitudes revelam a diferenÃsa de aproveitamento. Como estes alunos tÃam habitualmente 15 anos, e Ã s vezes atÃ 14, quando iniciam o 10.º Ano, o grau de abstracÃ§Ã£o de certos conceitos cria-lhes algumas dificuldades. PorÃ©m, os alunos que tÃam hÃbitos de trabalho bem adquiridos progridem a ponto de recuperarem ao longo do ano. Os outros nÃ£o. Escudam-se na dificuldade e desistem imediatamente.

Mas que tem isto que ver com o terceiro ciclo? E como Ã© que uma intervenÃ§Ã£o a este nÃ-vel pode alterar este estado de coisas, que nÃ£o sendo geral, Ã© suficientemente alargado para pedir intervenÃ§Ã£o?

Aqui especulo um pouco, e a soluÃ§Ã£o que proponho gostaria de a ver discutida, mas porventura experimentada em ambiente restrito.

Os alunos atravessam o terceiro ciclo entre os 12/13 e os 14/15 anos, idade de transformaÃ§Ães profundas a nÃ-vel psico-somÃtico. Nesta altura, no nosso sistema educativo, estes alunos jÃ estÃo a frequentar disciplinas independentes geridas por diferentes professores. Ou seja, nÃ£o obstante haver um Director de Turma que coordena a Turma como grupo, ficam os alunos em boa medida entregues a si mesmos. Respondem a cada professor em separado.

O cômputo da situa    o far-se-   em momentos distanciados de avaliação. Mas não serão eles ainda muito novos, e sobretudo, atendendo à situa    o de mudan  sa de crescimento, demasiado desamparados para que assumam assim a responsabilidade de se auto-orientarem? Ligo isto sobretudo   aqueles alunos cujos encarregados de educa    o, por raz  es v  rias, não os acompanham no quotidiano escolar. Não seria desejável alterar esta situa    o?

Pois bem,   no pressuposto de que valeria a pena intervir neste ponto que proponho uma solução, que afinal nada tem de original. Trata-se apenas de prolongar a gestão grupal das matérias disciplinares no terceiro ciclo, reduzindo assim o n  mero dos professores de cada turma deste ciclo e aproximando-os mais dos alunos.

Eu sei que uma proposta destas tem v  rios inconvenientes porque, entre outras alterações, mexe com a orgânica das habilitações e formação da docência. Por isso, para além de a ver discutida, creio que teria interesse saber se há por essa Europa fora alguma experi  ncia deste tipo. E, caso se julgue de interesse avan  sar para ela, que nunca se a aplique sem que antes seja testada em restrito ambiente experimental.  % que já anda toda a gente farta de     nova    es   na escola. Sobretudo porque os investimentos duplicam, as reformas sucedem-se e os resultados mant  m-se com um nível de insucesso elevado.

Fecho por ora esta minha contribuição para o debate em curso.

O que me faz intervir   o desapontamento. J   atravessi v  rias reformas eilus  es. De tal modo que até receio fazer propostas. E, no entanto, algo tem que mudar, se for para melhor. Mas já não alimento grandesilus  es. Esta escola é a escola deste país, cada vez mais incapaz de sair da cauda da Europa. Porém resignar-se a esta fatalidade   desistir de lutar.

Voltarei!

Luís Ladeira,

professor da Escola Secundária Braamcamp Freire, Pontinha

Re:Qualidade e Equidade em Educa    o

Afixado por LMartins - 07/06/06 15:06

Caro Professor Ladeira,

Permita-me que assine a sua reflexão, quase na sua totalidade. De facto e logo no 2   ciclo, há uma mudan  sa drástica: as crian  as vêm das mãos de apenas uma docente que, muitas vezes, acompanha os pais na construção da redoma   sua volta. A par das mutações físicas e psicológicas próprias da idade, têm que adaptar-se a diversas personalidades, quer dos v  rios professores, quer dos alunos tamb  m eles em diferentes graus de desenvolvimento, sem que haja elementos agregadores desse repentina, dolorosa e não rara e fragilmente exposta dispersão (o Director de Turma, que muitas vezes   tamb  m novato na escola, não   figura de referência bastante).

Por outro lado, há uma falência quase completa na aprendizagem da organização individual do trabalho e da interacção grupal: os trabalhos feitos pelos pais, os trabalhos de grupo feitos sempre pelos mesmos, os trabalhos de cópia e paste   (se ao menos lessem o que entregam  ) caídos da internet, passam incólumes e geram boa parte do trabalho. Quantos alunos sabem fazer uma pesquisa? Quantos alunos sabem consultar um dicionário, elaborar uma carta, endereçar um envelope? Quantas escolas trabalham a interdisciplinariedade?

Digo que assino quase na totalidade, porque não estou certa se prolongar a gestão grupal das matérias disciplinares aos 2   e 3   ciclos será melhor caminho que o inverso é multidisciplinar o 1   ciclo  ! Em tempos pensei muito no assunto e a ele voltarei pelo seu desafio aqui.

O que me parece deveras premente   direccionar a educa    o/ensino para grandes objectivos gerais e específicos; nos gerais, incluir as necessidades individuais e colectivas, estabelecer metas catalizadoras da transformação; nos específicos, atender à especificidade de cada local, de cada cultura loco-regional e entender a comunidade tamb  m ela como agente educativo, interagindo com ela. O modelo, que ainda muito grassa nas n   escolas, da transmissão de conteúdos, numa oralidade de cima para baixo (que depois exige aferição de conhecimentos por escrito), não motiva ninguém, não vai dar a lugar nenhum com ideal preso numa estrela.

No meu tempo de c  pequenina  , ainda no tempo do fascismo, estudava por gosto (tive óptimos professores e 2 outros excelentes, ambos irmãos    Pires - um a Matemática e outro a Portugu  s, que até elaborou uma gramática poética para nós fixarmos as regras) nem me lembrava que isso me iria ajudar profissionalmente, nem me preocupava com o emprego; agora, eles estudam o que não gostam, de formas que detestam e sabem que não vai servir para nada, que já nem os bons conseguem emprego. Depois, tamb  m acabamos com o ensino profissionalizante (sim, que o IEFP não serve para quase nada, diga-se!) e que boas escolas t  -nhamos  !  % assim, 30 anos de Abril desejado, amado ainda antes de nascer, como um filho, e ainda andamos nisto  ! País incapaz de sair da cauda da Europa  !

Que aqui, pequeninos, ainda consigamos pintar o mundo! Volte, sim!

Re:Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por LuÃ-s Ladeira - 21/06/06 22:06

Pois Ã©! Ã‰ possÃ-vel que tambÃm se possa colocar a questÃo desse modo,L. Martins. Por que nÃo multidisciplinar o 1Âº ciclo? Nunca examinei o problema desse prisma. Em todo o caso, aquilo que eu proponho Ã© mensurÃ-vel. Isto Ã©, Ã© possÃ-vel ser montado um observatÃrio da evoluÃ§Ã£o dos alunos a partir do primeiro ciclo e verificar se hÃ ou nÃo uma certa desorientaÃ§Ã£o, sobretudo a partir do terceiro ciclo, precisamente naqueles alunos que nÃo tÃam rectaguarda. Ou seja, aqueles cujos pais, pelas mais diversas razÃes, nÃo os acompanham. A minha hipÃtese assenta no facto de chegarem ao dÃcimo ano alunos com atitudes completamente diferentes. Aqueles que tÃam mÃtodos de trabalho e nÃo confundem a sala de aula com a sala de convÃvio e os outros, que nÃo tendo essa disciplina de trabalho, nÃo sÃ desistem Ã primeira dificuldade, como ainda, e por via disso, se tornam um estorvo para a aprendizagem dos restantes. Bem, mas quem sabe se esse Â«despisteÂ» nÃo advirÃ duma sobreprotecÃÃo no primeiro ciclo? Bem, Ã© uma hipÃtese de trabalho. Parece-me, no entanto, mais fÃcil fazer a observaÃÃo a partir da situaÃÃo existente e caso a hipÃtese nÃo seja consistente, inverter entÃo a anÃlise.

Crise da Escola?

Afixado por JosÃ de AraÃjo Ribeiro - 05/07/06 13:07

Crise da escola ou crise da educaÃ§Ã£o ?

O estado da educaÃ§Ã£o/escola em Portugal nÃo Ã© primariamente o resultado, como alguns querem fazer crer, da imposiÃÃo (?), no nosso sistema, nas Ãltimas dÃcadas, de determinadas ideologias pedagÃgicas. Resulta sim do aglomerar de contradiÃÃes e de orientaÃÃes de sinal contrÃrio que descaracterizam e aprisionam a escola no seio de problemas -chave que fazem com que a educaÃ§Ã£o nÃo saia do marasmo em que se encontra e seja o campo de batalha de todas as opiniÃes.

Primeira questÃo: como conciliar a aprovaÃÃo generalizada (ou nÃo â€œretenÃÃoâ€•) com qualidade e exigÃncia? Ã© cada vez maior o nÃmero de alunos que muitas vezes afirmam nÃo quererem aprender, estarem na escola porque sÃo obrigados, que aquilo nÃo lhes interessa para nada, etc. e em relaÃÃo aos quais os professores tentam por todos os meios ensinar alguma coisa. Enquanto isto, os outros alunos, a excepÃÃo, os melhores, os que nÃo dÃo problemas, os bem-educados, os que querem aprender e para os quais a escola faz sentido vÃo perdendo hÃbitos de trabalho, de rigor, de disciplina qualidades que, mais tarde, por exemplo, no ensino superior, serÃo acusados de nÃo possuÃ-rem... Creio que este problema â€œ conciliaÃÃo entre progressÃo para todos e qualidade de ensino - se poderÃ resolver com a criaÃÃo de turmas de nÃ-vel, em que os alunos nÃo transitam todos para o mesmo nÃ-vel de aprendizagem mas para nÃ-veis diferenciados em relaÃÃo Ã progressÃo nos estudos. Por exemplo, um nÃ-vel permitirÃ a progressÃo para os estudos superiores, outro, para cursos tÃcnico-profissionais e outro, ainda, para os cursos profissionais. Evidentemente que estes nÃ-veis nÃo seriam estanques entre si, permitindo em determinadas condiÃÃes, a respectiva transiÃÃo. HaverÃ outras maneiras?

Segunda questÃo estruturante: em nome da inclusÃo, em nome da escola para todos tudo comeÃsou a ser permitido: as normas deixaram de ser cumpridas, os regulamentos nÃo sÃo aplicados pois nÃo sÃo permitidas sanÃÃes que impliquem retenÃÃo do aluno, ou a exclusÃo da escola, mesmo quando esta sente que nÃo tem condiÃÃes para lidar com os problemas criados por uma minoria Ãnfima de alunos que estÃo lÃ para tudo menos para se â€œdeixaremâ€• educa o laxismo: Permite-se tudo aos alunos. Os professores sentem-se impotentes. A escola transforma-se num local em que tudo pode acontecer e nada Ã sancionado: Um professor Ã ameaÃado fisicamente, mas no dia seguinte tem o aluno na sua aula para lhe repetir a ameaÃa. Deste modo vai-se minando a autoridade do professor... resta um pequeno problema: todos sabemos que sem autoridade nÃo hÃ educaÃÃo.

Ainda em nome da inclusÃo, da escola para todos, a escola comeÃsou a diminuir o seu grau de exigÃncia em relaÃÃo aos saberes.

E Agora a questÃo: se a escola nÃo faz com que os alunos interiorizem normas, nÃo exige saberes, qual Ã© a sua funÃÃo?

Toda a gente tem noÃÃo deste problema mas consciente ou inconscientemente nÃo o quer equacionar: os pais que tÃam disponibilidade financeira e que querem uma boa educaÃÃo para os seus filhos, que desejam que eles se constituam cidadÃos autÃnomos, conscientes, livres e crÃticos pÃmem-nos no Ensino Particular - lugar onde existem normas, onde se ensina e se aprende. Veja-se que o nÃ-vel de qualidade entre o ensino pÃblico e o privado aumenta a cada ano que passa.

A quem aproveita esta situaÃÃo? NÃo estamos em nome da inclusÃo a aumentar o nÃmero dos excluÃ-dos? NÃo estamos a reforÃsar as diferenÃas de origem em nome da igualdade de oportunidades?

Enquanto nÃo se tiver a coragem de repor a autoridade do professor, de dizer aos alunos e pais dos alunos que hÃ

normas de boa educaçãõ que tãam de ser respeitadas sob pena de penalizaãõ, que os alunos nãõ podem passar, por exemplo para o segundo ciclo, se nãõ tiverem interiorizado o respeito pela autoridade (Pais, professores, empregados, etc.), capacidade de ouvir e executar uma ordem, teremos muito do esforãõ dos professores desaproveitado, teremos ainda no 12º ano professores a queixarem-se que gastam muita da sua energia, que deveria ser gasta em ensinar, a mantã-los em ordem para poderem ensinar alguma coisa.

Curioso que os professores do Ensino Superior que tradicionalmente estavam imunes a este problema venham agora estranhar a atitude com que os seus alunos se apresentam nas aulas: a de quem vai ã espera de ser entretido.

Finalmente hã que responsabilizar os pais pela educaãõ dos seus filhos. Nãõ sãõ eles os primeiros responsãveis pela educaãõ no dizer da Constituiãõ da Repãblica? Mas como? Hã medidas que se poderiam tomar e que, quanto a mim, teriam consequãncias extraordinariamente positivas.

A primeira consistiria em dar-lhes liberdade de escolher a escola para o seu filho e acabar com a hipocrisia reinante de declaraãões falsas de residãncia, cunhas, etc.

A segunda, de um outro nã-vel, condicionaria a atribuiãõ do abono de famãlia a uma declaraãõ da escola em que esta atestaria que o aluno em questãõ ã assã-duo e bem comportado.

Finalmente, proã-ba-se (na constituiãõ ou na lei de bases) que se intervenha no Sistema Educativo sem previamente se fazer avaliaãõ daquilo que se quer mudar. ã necessãrio que todos os intervenientes (alunos, pais e professores) sintam alguma estabilidade e coerãncia no sistema para que o possam respeitar.

Re:Crise da Escola?

Afixado por jarib - 10/07/06 09:07

No artigo nãõ estã referenciado o autor - Josã de Araãjo Ribeiro.

Re:Qualidade e Equidade em Educaãõ

Afixado por LMartins - 05/08/06 05:08

E, quem sabe, a criaãõ de um sistema misto?

Os pais rabalhando em "part-time" para terem mais disponibilidade para educar os seus filhos - "O Direito/Dever de Educar compete aos Pais (nãº5 Art.36º da CRP) ã um direito/dever inalienãvel com a ãnica excepãõ prevista no n.º do mesmo artigo que ã o caso dos progenitores nãõ cumprirem com os seus deveres fundamentais podendo os filhos, mediante decisãõ judicial, ser subtraã-dos ã sua tutela.", posted by Francisco Cunha - e os professores, do Ministãrio da Educaãõ, tambã em "part-time", desenvolveriam profissães paralelas, a fim de entenderem melhor outros mundos do trabalho, certamente com ganhos para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Quem sabe, um grande desafio ã Qualidade, Equidade em Educaãõ e ã Cidadania... e ao desemprego dos professores a substituir os pais nos seus locais de emprego ...

Lembrei-me disso a propãsito da situaãõ que se repete todos os finais de ano: os professores, aflitos, alguns mesmos atrapalhados, a proceder com os pais ã realizaãõ das matrã-cula. A "fazer trabalho de administrativo", no seu dizer. Lembrei-me que genericamente o trabalho administrativo ã muito muito depreciado/pouco valorizado no nosso paã-s e o de professor, nalguns casos, tambãm. Talvez que acabar com a profissãõ ãnica nos valorizasse a todos e, sobretudo, beneficiasse o pãblico-alvo principal - as crianãas e jovens, o futuro do Paã-s...

Re:Qualidade e Equidade em Educaãõ

Afixado por coisitasadizer - 06/08/06 10:08

Serãmes em famãlia ou o vazio da comunicaãõ

Sou professora hã alguns...muitos anos...tendo iniciado a minha carreira aos 18, em 1973, ainda menina e a estudar ao mesmo tempo...e isto tudo para dizer que experiãncia nãõ me falta nesta profissãõ que abracei por vocaãõ. Como docente de Lã-ngua Portuguesa verifiquei que a base do sucesso dos meus alunos ocorreu, numa primeira fase, quando os alunos entendiam o que ouviam ou liam nãõ esquecendo tambãm o quãõ importante fenãmeno de aprendizagem acontecia em situaãões de empatia comunicativa...e aã...desculpem-me o tom coloquial... surge-me a pergunta: os nossos alunos comunicam realmente?

ã noite, em casa, discute-se a qualidade de um livro? ... uma teoria recãm divulgada?... a veracidade de uma notã-cia? ...a beleza de uma obra de arte? ...a justeza de um conflito?...?

Este problema caiu em mim como um relãmpago, principalmente durante este ano lectivo que acabou agora, por ter

verificado, durante as ditas aulas de substituiÃ§Ã£o, que os alunos nÃ£o percebiam, por exemplo, MatemÃ¡tica por nÃ£o entenderem PortuguÃªs... e verifica-se tambÃ©m que se o docente "perder" uns minutos a comunicar com os alunos ganha certamente aulas muito mais interessantes e a qualidade das aprendizagens aumenta substancialmente... Mas reafirmo que os "serÃ§Ãµes em famÃ-ia" sÃ£o a coluna dorsal para a aquisiÃ§Ã£o, interesse e qualidade das aprendizagens...

Os governos devem propiciar condiÃ§Ãµes aos pais para que eles possam cumprir essa sua competÃªncia... Aos alunos nÃ£o pode ser deixado apenas o direito de absorver pacificamente a informaÃ§Ã£o que lhes vem de televisÃµes de pÃ©ssima qualidade cultural, da internet (falo como professora de TIC), de meia dÃ©zia de professores por dia ...HÃ¡ que criar dÃ©vidas, incertezas, desafios ...para obter muitas e melhores respostas para os nossos alunos... Sem querer ser radical ouse perguntar "Vou adquirir estes ou aqueles conhecimentos para os dar a quem, para os trocar com quem...!?" Ã% que, afinal, a nossa vida Ã© feita de trocas...e a comunicaÃ§Ã£o Ã© um incentivo Ã aprendizagem e, sem dÃ©vida alguma ...o nosso primeiro rosto social!

Paula Gomes

Re:Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por sequeira - 11/12/06 23:12

2.1 - Que saberes e que competÃªncias serÃ£o fundamentais a todo o cidadÃ£o do sec.XXI?

Parece-me que ao cidadÃ£o actual rodeado pela rÃ¡pida evoluÃ§Ã£o tÃ©cnica e nela plenamente envolvido, quer queira, quer nÃ£o, haverÃ¡ que dar-lhe um arcaboÃ­so cultural, psicolÃ³gico, fÃ-sico e artÃ-stico muito sÃ©rio e sÃ³lido. AjudÃ-lo a ser cada vez mais capaz de participar na globalizaÃ§Ã£o da democracia para bem do ser humano e protecÃ§Ã£o das condiÃ§Ãµes de vida futura na terra parece-me hoje mais que bÃsico. Continuar a ingrassar em Engenharia com 8 e 9 a MatemÃ¡tica e ou FÃ-sica Ã© um erro craaso que haveremos de pagar caro parecendo-me absolutamente incorrecto e dum paternalismo patÃ©tico! Por outro lado, continuar a exigir-se 19 para o ingrasso em medicina enquanto em Espanha os candidatos sÃ£o aceites com 14 tambÃ©m acho errado, atÃ© porque esses depois vÃam para cÃ¡ preencher vagas nÃ£o preenchidas. Permitir que os alunos passem na 4.ª classe, digo, 4.º ano sem saberem bem a tabuada e mesmo passem no 9.º sem a saberem sendo incapazes de fzer contas certas sem utilizarem a calculadora julgo ser uma falha grave dum ensino demasiado tolerante e inconsequente. Que passem vÃrios anos do ciclo nunca acabando a Ãlgebra e nunca podendo, portanto, dar a matÃ©ria de geometria Ã© outra falha grave que hÃ¡ dezenas de anos quando tive de acompanhar o meu filho, hoje com 32 anos, me frustrou imenso e nunca pude perdoar ao sistema de ensino pÃs 25 de Abril. Como se pode dar Desenho rigoroso nos primeiros anos se os alunos nÃ£o tÃam noÃ§Ãµes bÃsicas de geometria? O Desenho livre deve ser muito estimulado, mas no meu entender o recurso Ã cor utilizando os diversos materiais para o efeito tem que ser levado muito a sÃ©rio desde cedo. A nutriÃ§Ã£o e a culinÃ¡ria bÃsica nos seus aspectos mais importantes para a saÃºde nÃ£o podem faltar. Antes de terminar o 12.º ano todos devem ter tido uma disciplina de puericultura e primeiros socorros. No meu entender a educaÃ§Ã£o sexual deve comeÃ§ar no 1.º ano e prolongar-se atÃ© ao 12.º ano tornando-se anos apÃs ano cada vez mais uma disciplina levada muito a sÃ©rio sendo possÃ-vel chumbar-se e ter que repetir a disciplina. Nos trabalhos manuais parece-me que pequenos trabalhos de costura devem ser incluÃ-dos. A ginÃstica edicativa deve comeÃ§ar por prevalecer ao desporto prolongando-se a partir de dada altura entÃ£o para um ou mais desportos para os quuais os alunos hajam demonstrado reais competÃªncias em vez de os por desde cedo e quase antes de mais nada a jogar futebol. A ReligiÃ£o e moral deveria dar lugar ao estudo sÃ©rio e comparativo das mais importantes religiÃµes do mundo com a explanaÃ§Ã£o e compreensÃ£o das suas semelhanÃas e diferenÃas. Havendo alunos suficientes e previamente inscritos entÃ£o ao mesmo tempo poderia haver vÃrias disciplinas de religiÃ£o: catolicismo, islamismo, budismo protestantismo, cristianismo ortodoxo, etc. Muito fanatismo actual e incompreensÃ£o acabariam aÃ-. Hoje quando os meninos fazem testes, tÃam apenas trÃas ou quatro folhas do livro para estudar e andam nesta palhaÃsada o ano todo! Desde hÃ¡ anos (dezenas, sei lÃ¡) que se te mÃado de massacrar a memÃrias das crianÃas! Frustrava-me imenso que o meu filho, hoje com 32 anos, nÃ£o fosse obrigado a fazer ditados no 4.º ano. No entanto, tendo embora uma inteligÃªncia manual e artÃ-stica excepcional pouco a pÃ de desenvolver porque nÃ£o lhe era dada real oportunidade! As disciplinas cientÃ-ficas, FÃ-sica, MatemÃ¡tica, Geometria, Ciencias Naturais devem ter muito laboratÃrio ao mesmo tempo sÃ©rio e lÃºdico se Ã© que nÃE de todo impossÃ-vel essa coexistÃªncia! No meu entender, a memÃria deve ser muito estimulada, o cÃlculo sem calculadores para fomentar e desenvolver o exercÃ-cio mental! O exercÃ-cio fÃ-sico sobretudo na infancia deve ser feito de preferencia ao ar livre. As regras simples de civismo e de transito nas ruas devem comeÃ§ar na primÃria. A navegaÃ§Ã£o na Internet e a capacidade de escolha do que interessa terÃ que, como na vida quotidiana, ser ensinada, treinada e sobretudo compreendida. Acho ainda que as noÃ§Ãµes bÃsicas de economia familiar devem estar presentes atÃ© um dado momento a partir do qual se evoluirÃ para uma economia mais geral e financeira para que o aluno do 12.º jÃ seja capaz de saber por as suas economias a render, saiba o que sÃ£o dÃbitos e crÃditos e comece a perceber que o ordenado mÃ-nimo nacional quase lhe nÃ£o dÃ para comer decentemente. Portanto nesta economia geral necessÃrio se tornarÃ incluir no mÃ-nimo um ano de contabilidade que nÃ£o chegue apenas sÃ conta caixa! Acrescentaria que a nÃ£o ser alunos de certas mÃdias para cima todos os outros seriam obrigatoriamente encaminhados para cursos tÃcnico-profissionais logo a partir o 7.º ano e ou no mÃ-nimo a partir do 9.º. A tÃ-tulo breve a escolaridade obrigatÃria deve estar no 12.º ano. O pleno domÃ-nio da LÃngua e Cultura

portuguêsas é fundamental bem assim como um razoável domínio de pelo menos duas línguas estrangeiras.Finalmente uma disciplina de Saúde Pública ou o tema integrado noutras ajudaria a combater o tabagismo e a evitar as drogas, não só pelo conhecimento teórico, mas sobretudo pela demonstração na vida pratica e de todos os dias apreciando os doentes nos hospitais, questionando-os em colóquios, olhando e falando com doentes de sida em estado avançado. Para terminar mesmo, direi que a sociedade rasca e   rasca de hoje que teve o topete e a cegueira de se queixar da juventude rasca a deu origem, deve meter a mão na consciência, reagir enquanto é tempo e endurecer a educa  o e treino dos homens e mulheres do amanhã para bem deles e nosso descanso!

=====

Re:Qualidade e Equidade em Educa  o

Afixado por sequeira - 12/12/06 17:12

2.2 - Como fazer os alunos aprenderem mais e melhor?

Como pai com 61 anos e frequ ncia do ensino superior que acompanhou o filho até ao 9 o ano e assistiu   inépcia do ensino terei possivelmente muitas queixas e qui   poucas soluções. Mas tamb m fui aluno até ao 7 o ano antigo ap  o qual havia o ingresso na faculdade com exame   nucleares se se não tivesse dispensado. Assim, tenho a experi ncia dum ensino pateticamente tolerante e incompleto e tive a experi ncia dum ensino deveras exigente e trabalhoso. Se, depois de conhecer os dois me pedissem para escolher entre os dois um ensino para o meu filho, não tenho d vida em dizer que escolheria sem mais delongas o ensino a que fui sujeito. Por aqui se pode desde já concluir que sem muito trabalho, sem muito exercício de mem ria, com calculadora na mão por tudo e por nada, com os programas todos os anos por acabar, com pouca leitura, com erros ortográficos e capacidade de redacção sofrível ou má, sem espírito de sacrifício, sem auto-disciplina,sem resistência ao esforço, não pode haver sucesso! Depois há professores e professores. Há os que sem perderem o respeito dos seus alunos e a exig ncia são capazes de estimular e transmitir o gosto pela disciplina motivando o trabalho e a colabora  odos seus alunos.Sempre ouvi dizer que o bom professor não é essencial e necess riamente aquele que sabe muito, uma sumidade, mas aquele que sabe ensinar! Depois, a meu ver é fundamental que na mesma disciplina o aluno não ande a conhecer um professor diferente todos os anos. O mesmo se deve passar com o compêndio de estudo para que se torne familiar ao aluno. Julgo que o gosto pelas ciências, fisico-química, matemática, ciencias naturais será tanto maior quanto maior for o trabalho laboratorial e ou em contacto com a natureza atrav s da observa  o, manipulação. Em pleno campo o aluno talvez se aperceba melhor da necessidade do c lculo, da orientação, dos fen menos químicos, da necessecidade do estudo dos animais e plantas, etc. Para além disso temos hoje um recurso que aqui Há poucos anos não havia, a Internet.

No meu entender os alunos deveriam ter exame no 4 o ano versando toda a matéria supostamente aprendida. No 7 o ano deveriam ter de novo exames versando toda a matéria at r  - assimilado em especial, isto é, essencialmente a do 6 e 7 o anos.No 9 o ano os exames versariam sobre as matérias das, mas utilizando evidentemente bases anteriormente apreendidas. O mesmo deveria acontecer no 11 o ano e ou 12 o! E é evidente que todos os anos os testes teriam cada vez mais matéria   medidade que o ano lectivo avançava! Este exercício de preparação para os testes e exames finais durante uma vida escolar dariam aos alunos um arcaboi o, uma capacidade de trabalho, uma capacidade de memorização, disciplina, resistência ao esforço, poder mental e psicológico, domínio e segurança em si próprios que depois o ingresso na faculdade e o seu progresso seriam mera consequência! Ingressar na faculdade e sobretudo sair de l , não constituiria como acontece hoje para muitos que, não obstante mal preparados , l  chegam uma tarefa árdua, quantas vezes dif lima de superar!

Uma maior proximidade entre aluno e professor deveria ser desejável dentro do devido respeito. A proximidade entre professores e pais deve tamb m ser estimulada sem que se queira fazer dos pais explicadores dos filhos! A necessidade de recurso a explicações não deveria ser um lugar comum como vem sendo num aluno regular! Entendo tamb m que toda a escola a partir do 4 o ano deveria ter apoio psicológico e assistente social. Entretanto as cantinas teriam que ser orientadas por nutricionistas banindo-se do dia a dia toda a porcaria que hoje é mais vulgar ver-se   venda provocando maus h bitos alimentares, m  nutrição e obesidade! Terminaria que urge criar o gosto pelo trabalho, pelo esforço face ao exito esperado em vez de gente incapaz de resistir ao esforço,   luta por uma nota muito melhor do que aquela que apenas é suficiente para passar! O treino e o gosto para atingir mais e melhor, cria-se, estimula-se, acarinha-se desde a prim ria e premeia-se com frequ ncia! Mas tamb m sem professores com o real gosto e vocação por s -lo, com são os mercenários do ensino, não iremos nunca muito longe! Está em causa o sistema e não só os eternos pi es das nicas, os alunos, as crian as! Urge tamb m que o professor se assuma como educador por inerência e tenha a capacidade de s -lo! Todos sabemos que para muitos alunos os seus professores podem ser os exemplos mais positivos e visíveis que têm na sua vida! Quantos de nós não recorda com saudade, respeito e carinho professores que   s vezes até eram exigentes e nem eram generosos nas notas? Hoje eu recordo o meu professor de portugu s desde o 1 o ano até ao 5 o, o Sr. Dr. Noronha! Conseguiu que eu acabasse por gostar de tentar dividir as orações n'Os Lusíadas e encantava-me com a mitologia que lhe era inerente!

=====

Re:Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por sequeira - 12/12/06 23:12

2.3 - Como nos poderemos assegurar que as aprendizagens bÃ¡sicas sÃ£o conseguidas?

No meu entender antes de mais serÃ¡ preciso definir com precisÃ£o quais os saberes bÃ¡sicos a assimilar! Depois disso Ã© preciso saber transmiti-los tornando-os o mais apelativos possÃ-vel e fazer compreender de formas diversas a necessidade vital para assimilÃ-los. Os exercÃ-cios na escola, a resoluÃ§Ã£o de problemas, o treino da leitura e da interpretaÃ§Ã£o do texto lido, as redacÃ§Ães sobre os temas mais variados, os ditados para atingir objectivos de escrita sem erros ortogrÃ¡ficos, a repetiÃ§Ã£o de palavras incorrectamente escritas para memÃ³ria futura serÃ£o, como sempre foram ou deveriam ter sido formas de consolidaÃ§Ã£o das aprendizagens, memorizaÃ§Ã£o e treino. AtÃ© ao 4.º ano, por exemplo, o aluno do terceiro para o 4.º ano deve ter cada vez mais desenvoltura e rapidez em fazer contas, ler sem ser aos solavancos e escrever com alguma velocidade sem erros. Em anos mais avanÃados os testes mensais e trimestrais serÃ£o outros meios de avaliaÃ§Ã£o! A avaliaÃ§Ã£o contÃ-nua feita pelo prÃ³prio professor no dia a dia do aluno tambÃ©m Ã© uma forma importante, mas no meu entender sem testes e sem exames finais a avaliaÃ§Ã£o nunca serÃ¡ completa. Acho atÃ© que a conjugaÃ§Ã£o duma ou mais notas de avaliaÃ§Ã£o contÃ-nua com as notas dos exames serÃ¡ uma forma mais justa e quiÃ§Ã¡ mais acertada porque o aluno pode ter um bloqueio mental no exame provocado pela natural ansiedade! Muitas disciplinas permitem a resoluÃ§Ã£o de problemas atravÃs da aplicaÃ§Ã£o dos conhecimentos. Enfim haverÃ¡ certamente um manancial de formas criativas de avaliar a consolidaÃ§Ã£o de conhecimentos que nos permita ter uma percepÃ§Ã£o muito aproximada e precisa da real aprendizagem obtida pelos alunos.

Item editado por: ercilia faria, em: 13/12/06 12:12

Re:Qualidade e Equidade em EducaÃ§Ã£o

Afixado por sequeira - 13/12/06 21:12

2.4 - Como vamos prevenir os abandonos escolares precoces envolvendo escolas e comunidades locais?

Quero crer que aqui o serviÃço tem muito mais a ver com AssistÃncia Social, protecÃ§Ã£o Ã famÃ-ia atravÃs de habitaÃ§Ã£o decente e sustentabilidade econÃmica mÃ-nima. Nas famÃ-ias onde houver desemprego de um ou mais membros esteios do sustento, onde houver consumo de drogas e ou alcoolismo as crianÃas nÃ£o poderÃ£o ter meio minimamente propÃ-cio ao sucesso escolar! Julgo ser, pois, muito importante, nÃ£o sÃ³ o apoio Ã famÃ-ia, mas sobretudo Ã crianÃa na escola fornecendo-lhe alimentaÃ§Ã£o saudÃvel, roupas, e, claro, livros e material escolar gratuito. A escola tem de demonstrar aos pais fracos e pobres e Ã s respectivas crianÃas que nÃ£o Ã© o inimigo, mas o suporte que de outra maneira nÃ£o teriam e que a permanÃncia e a assistÃncia da crianÃa na escola Ã© factor sine qua non para que o apoio se mantenha! Julgo que nÃ£o serÃ¡ difÃcil criar em cada escola, sobretudo em meios urbanos, movimentos de solidarieda para com os menos favorecidos. HÃ¡ muita gente que roupas a mais aos seus filhos de tal forma que dar uma camisola, umas calÃças, uma saiam umas meias e ou peÃogas, uma capa, um casaco, etc, atÃ© lhes cria mais espaÃço lÃ¡ em casa para novas coisas! Repare-se que hoje em certos centros paroquiais jÃ hÃ¡ lojas de roupas usadas! E se sÃ£o lojas essas roupas sÃ£o cuidadas e tratadas para poder ser vendidas a preÃços uns mais simbÃ³licos do que outros. HÃ¡ pessoas cujos sistemas de assistÃncia mÃdica lhes permite ter muitos medicamentos dentro da validade que nÃ£o usam. Se alguÃm na escola pudesse encarregar-se dessa recolha e depois com a ajuda de algum tÃcnico os pudesse distribuir aos pobres talvez se pudesse resolver muitas constipaÃ§Ães e ou atÃ gripes! Se na escola nÃ£o houver enfermeira haveria que conseguir que lÃ¡ fosse uma com alguma regularidade e ou no mÃ-nimo nas alturas de necessidade. Quem sabe se de entre os prÃ³rios pais dos alunos nÃ£o poderia haver um movimento de voluntariado sÃ³ para isso? Np Natal e PÃjscoa seriam alturas proprias para as escolas fazerem os seus peditÃrios para puderem ajudar os seus prÃ³rios alunos. Nas cidades maiores acho que tem de haver serviÃço social dentro da escola e psicÃlogos competentes para prevenir e ou detectar os problemas das crianÃas no seu inÃ-cio. Alunos com fome e maus tratos familiares detetctar-se-Ã-am com alguma facilidade se houver tÃcnicos prontos para ajudar. A timidez exagerada e ou a agressivida incontida serÃ£o situaÃÃes a pesquisar. Contudo, o trabalho contra o insucesso e o abandono escolar precoce tem que ser feito concertadamente por vÃrias instituiÃÃes competentes para o efeito envolvendo evidentemente os poderes pÃblicos locais. Mas tambÃ©m Ã© verdade que o serviÃço social e o psicÃlogo tÃam de estar acessÃ-veis a pais e alunos. Ã preciso duma vez por todas que a sociedade entenda que a educaÃ§Ã£o dos filhos dessa mesma sociedade nÃ£o Ã© feita sÃ³ pelos professores e ou sÃ³ pelos pais! Tem de ser feitas por um conjunto de instituiÃÃes em colaboraÃ§Ã£o directa ou indirecta com pais, professores e escola. Tam que ser uma tarefa de todos, porque todos lucrarÃ£o que nÃ£o haja fruta podre num cesto de muita fruta madura! Entendo tambÃ©m que um mÃdico deve consultar as crianÃas nas escolas obrigatÃriamente uma vez de trÃs em trÃs meses e ou sempre que assistente social e atÃ o professor entendam que tal deve ser feito. Acho que assim se pode prevenir com algum sucesso o insucesso e o abandono precoce da escola. No meu entender a melhor polÃtica serÃ¡ prevenir e deve comeÃsar logo no inÃ-cio do ano escolar. Quando fui chamado para o serviÃço militar fui examinado dos pÃos Ã cabeÃsa, isto jÃ antes do 25 de Abril, e para que nÃ£o ficasse doente por dÃ¡ cÃ aquela palha davam-nos uma vacina cavalgar que funcionava mesmo! Portanto, parece-me que uma das tÃcnicas

devidamente adequada às circunstâncias já; não ser; propopriamente uma novidade, pode até custar dinheiro à sociedade que não quer no seu meio escolar alunos a abandonar a escola! É evidente que isso tem de custar dinheiro. Por último para meios escolares mais rurais a norma será; quando a escola não tem os meios, terá de ser os meios a deslocar-se à escola!

Re:Qualidade e Equidade em Educação

Afixado por sequeira - 14/12/06 23:12

2.5 - Como contribuir para o exito escolar e educativo de populações culturalmente muito diferente tornando essas diferenças um factor de enriquecimento cultural para todos e para a própria escola?

Ora bem, esta pergunta começa a ser quase recorrente já; que no 1º ponto, Educação e Cidadania, foi feita de forma diferente e mais curta! A sugestão que me ocorre dar, porém, não andar longe da que já; dei da 1ª vez. Julgo que o 1º passo passar; por uma mais fácil e rápida legalização dos estrangeiros no país e que essa legalização seja facilitada e apoiada por todos quantos estão em contacto com os estrangeiros, em especial, pelos empregadores. Depois vir; a integração dos estrangeiros nas comunidades locais que devem ser ensinadas, não só a aceitá-los e integrá-los, como também a perceber que os estrangeiros, por muito que isso nos custe engolir, vão rejuvenescer a sociedade portuguesa deveras envelhecida e contribuir com o seu trabalho e impostos para o progresso do país. Quanto aos filhos dos estrangeiros que nascem cá; ou que vão juntamente com os pais devem também ser acarinhados nas escolas que vão frequentar. Pela mesma razão que os pais são os que criam e não necessariamente os que procriam, própria passar; a ser aquela que nos dá o país, a criação e onde a vida nos corre e é mais favorável!

Resumindo:- A legalização e integração rápida dos estrangeiros nas comunidades locais são os passos básicos, a meu ver. É claro que o ensino da língua portuguesa para estrangeiros será outro passo paralelo em que os poderes públicos locais se têm de envolver com alma e coração! Entretanto há; que se fazer todo um esforço de mentalização junto das populações através de todos os meios de comunicação, inclusive nas missas, envolvendo o apoio dos poderes públicos, exaltando a riqueza do pluralismo de culturas e raças e até das vantagens que há na mistura com sangues vindos de outras paragens longínquas. Não será difícil demonstrar nas escolas e não só o que o povo português já; de si é uma mescla de raças e sangues como prova a nossa história! Na escola as crianças, dependendo também muito da capacidade dos professores, devem também ir-se apercebendo que afinal não é na cor da pele, na cor e ou formato dos olhos, nem na altura, que residem as diferenças entre as pessoas, mas sim num intelecto formado noutras paragens e com outras culturas, mas que isso não constitui nenhuma ameaça, bem pelo contrário! Os professores podem e devem falar das sociedades representadas pelos alunos nas escolas comparando-as com a nossa. Nessas sociedades haverá também personalidades históricas, guerreiros, escritores, cientistas, ginastas, músicos, pintores, bailarinos, jogadores, etc. Entre os pais de alunos estrangeiros que aqui têm de sujeitar a trabalhar na construção civil, restauração, etc, há; pessoas com cursos superiores que aqui nada valem, assim como os nossos cursos superiores nada valem nos países deles! Quem sabe se chamando essas pessoas para fazerem umas palestras sobre a sua vida e cultura e sobre a sua necessidade de, não obstante, precisarem de vir para cá; para melhorarem de vida não conseguirão ser mais apreciados e compreendidos por alunos e pais. Em dias de festas escolares os pais dos alunos poderiam ser chamados a participar e animar a festas ficando os seus filhos como espectadores: uns tocariam instrumentos dos seus países, ou cantariam ou dançariam, outros fariam teatro, outros contariam histórias e ou até circo. Acho que naturais e estrangeiros colaborarem com os seus saberes e boa vontade para melhorarem as sociedades em que vivem haverá; certamente mais solidariedade e empatia e um reconhecimento mútuo dos valores de cada um. Tudo isto será; muito lindo de dizer até porque entre nós práticos, sobretudo nas cidades somos muito individualistas. E isto será; bom que seja posto em causa, porque se se torna necessário integrar e bem receber os estrangeiros, porque não começar a olhar para os nossos vizinhos do prédio mais como possíveis amigos e menos como as pessoas que só encontramos esporadicamente num elevador quando vamos numa corrida para o emprego o que quase nem nos dá tempo de lhes dizer bom dia!